

-  
-  
Hannah Arendt, uma filósofa contemporânea sagazmente apontou: “É da desunião, na desavença que nasce o pensamento.” O pensamento surge quando existem dificuldades, resistências, problemas, resultantes da desintegração da realidade e da desunião entre o homem e o mundo, da qual emerge a necessidade de conceber um outro mundo: um mundo reparador, mais harmonioso e significativo, que propicie ao ser humano condições de possibilidade de trilhar um caminho em direção à felicidade de todos nós. Ou seja, se como filósofa habito este instante, minha morada permanente é o futuro.

Para alcançar a felicidade, os sábios orientais, em geral pouco conhecidos, embora tenham inspirado grandes filósofos ocidentais, indicaram que devemos praticar as “seis perfeições”.

#### 1) A generosidade

A reflexão filosófica nos ensina problematicamente que “toda felicidade do mundo vem de querer e lutar pela felicidade dos outros, e que toda infelicidade do mundo nasce da busca por cada um de nós de nossa própria felicidade”.

Esta reflexão que se originou no Oriente atravessou várias culturas, em contextos históricos diversos e todas apontaram que devemos pensar no bem estar coletivo antes de nosso próprio conforto, primeiro no sentido e no peso ético de nossos pensamentos, palavras e ações, antes de nosso proveito material. Ora esta injunção é complexa e extremamente difícil de ser praticada. Hoje na época de “marketing pessoal” e da valorização da “auto-estima” é quase uma provocação. Sua aplicação, portanto, pede prudência, equilíbrio, reflexão.

Fazer-se feliz contribuindo para a felicidade dos outros é um processo de mediação e não de sacrifício. Não podemos fazer os outros felizes, podemos apenas, dentro de nossas limitadas possibilidades físicas e psicológicas, mediar o processo. Impossível porém de esquecer a direção indicada por Sócrates quando aceitou a condenação à morte, ao invés de renunciar ao risco de pensar: disse ele em sua Defesa “Das posses não vem a virtude, mas da virtude vem todas as nossas posses”.

De fato aprender a doar-se por uma justa causa, para o próximo e para o distante, para os colegas da profissão, para os amigos, para os familiares, nos proporciona uma alegria genuinamente humana em conformidade com nossa demanda de sentido, a única verdadeiramente capaz de nos reconciliar com os outros, conosco e com o universo. Todos nós temos alguma contribuição para dar, podemos oferecer nosso tempo, nossa escuta, nosso esforço, nossos recursos. Nenhuma oferenda, mesmo humilde, deve ser desvalorizada. No entanto é preciso estar vigilante à motivação da entrega, para que ela seja pura.

Se não soubermos ser generosos todos os dias conosco e com os outros, que possamos ao menos permeiar o cotidiano com instantes de generosidade.

## 2) A ética

A perfeição ética se caracteriza pela capacidade do espírito de abandonar o mal.

Muitos filósofos como Paul Ricoeur passaram anos a fio tentando entender e definir a questão do mal. Resumindo grosseiramente direi que o mal é tudo o que ameaça nossa integridade física e psicológica. Trata-se de deixar nascer em nós o que não apareceu ainda, a impedir o declínio das virtudes que produzimos, e a encorajar seu desenvolvimento constante. Nesse sentido devemos nos esforçar por reduzir nossos pensamentos, ações e palavras negativas e aumentar nossos pensamentos, palavras e ações positivas. Não se trata de corrigir os outros, mas sim de nos autor disciplinarmos. São estas vigilância e contemplação cotidianas que vão nos permitir dar assistência a todos que a solicitarem. Esta assistência assume várias formas: a proteção dos indigentes e dos necessitados, o estudo de forma solitária ou coletiva, do sentido da lei, a fim de aprimorar o uso dessa bússola interna que nos auxilia a navegar nas águas, às vezes agitadas, ou às vezes calmas, de nossa vida.

## 3) A Paciência

Quando a verdadeira paciência está presente, a mente está livre da agressividade.

É pela paciência que se pode vencer a cólera, o ciúmes, a mágoa, o ressentimento, o desânimo.

Todos os obstáculos, as dificuldades e os sofrimentos que cruzam nosso caminho durante nosso processo de desenvolvimento são meios de exercitar o que minha mãe me ensinou ser a “ciência da paz”. A Índia Canadense Barry Steven escreveu um interessante livro intitulado “Não apresse o rio, ele corre sozinho”.

Barry Steven indica que a paciência implica desapego, aceitação de si, dos outros, da vida, abertura para o inesperado, é uma forma de viver “sem esforço”, ajustando nosso ritmo ao ritmo dos outros, ao ritmo da vida e pulsar mansamente com o universo inteiro.

## 4) A Perseverança

A perseverança é a qualidade que nos permite realizar as tarefas que tem que ser feitas, tendo em vista o compromisso de mediar nossa felicidade individual e coletiva. Aconteça o que acontecer, dor ou prazer, dúvida ou certeza, a perseverança é a qualidade que nos encoraja a prosseguir o caminho. Os obstáculos mais frequentes a perseverança, são a ira, a preguiça, ou o senso de inferioridade. Trata-se então de combatê-los despertando nossa energia. Tantos seres humanos gastam uma quantidade enorme de energia em tarefas perfeitamente inúteis, ou prejudiciais. Por que não usar a mesma energia para obras que são fonte de plenitude, de

alegria, de abundância? Existem quatro forças que devem ser despertadas para que possamos exercer essa qualidade:

- a) a força do desejo: que confere duração e autenticidade aos nossos atos.
- b) a força da estabilidade: que nos protege da inconstância, da infidelidade aos nossos propósitos.
- c) a força do entusiasmo: que dispersa os pensamentos destrutivos e instala-se a alegria.
- d) a força da auto-limitação: por vezes é necessário saber para que descansar, abrir-se à contemplação, a fim de poder prosseguir melhor. Abandonar os extremos de um zelo excessivo, de uma prática rígida, ou da inércia e da preguiça, para desenvolver a compreensão do inconveniente de ambos e realizar um esforço constante, como um rio largo atravessa a planície.

## 5) A Meditação

A meditação é um ato do espírito. Ela nos permite compreender como este espírito se coloca, o que ele foca, ou não foca, qual é o objeto sobre o qual ele se concentra, e como ele pode ir aos poucos aprendendo a soltar este objeto para simplesmente sentar na calma, estabelecendo a conexão com o centro de seu ser. Este estado de calma e de abertura foi chamado pelos ocidentais de “contemplação”. O budista Tsanskapa aponta três caminhos para a meditação:

### a) O caminho da visão que tudo penetra:

Este caminho analítico, de auto-conhecimento demanda um lento e difícil processo de aprendizado, no qual a pessoa aceita contemplar suas falhas e suas qualidades, contemplar as falhas e as qualidades dos outros, no entanto “A visão que tudo penetra” pode ser algo rápido e mágico e mudar completamente as concepções que temos de nós mesmos, dos outros, do mundo...A partir desta contemplação podemos modificar nossa forma de atuar no mundo.

### b) O caminho da calma contínua

Exercitar a calma solicita de cada um que ele aprenda a se desligar de suas preocupações diárias, sem aborrecimentos passados e presentes, e entrar em contato com estado de alívio e de felicidade denominada “relaxamento”. Esse estado relaxado não é uma constante, por isto precisamos voltar a ele, praticando a entrega, que progressivamente vai se tornando cada vez maior, ao contentamento de estar vivo.

O caminho da meditação seria aquele que combina “a visão que tudo penetra” com a “calma contínua”.

No entanto esta é apenas uma definição resumida de uma prática milenar, que vai dar o sentido profundo à prática das outras perfeições, na medida em que ela pacifica nossa fala, nossos pensamentos e nossas ações, conseguindo desta forma nos abrir para nossa verdadeira natureza.

## 6) A Sabedoria

**“Filho meu, guarda as minhas palavras**

e esconde dentro de ti os meus mandamentos

Guarda os meus mandamentos e vive a

Minha lei, como a menina dos teus olhos

Ata-os aos teus dedos, escreve-os na

tábua no teu coração.

Dize a sabedoria: Tu és minha irmã:

e a prudência chama tua parenta”

Provérbios, 7.

## Bíblia Sagrada

Através da generosidade, da paciência, da perseverança, da reflexão ética e da meditação é possível encontrar o que a psicanalista J. Filloux denomina como “a justa medida de amor”.

Saber o que podemos, o que não podemos, quando é preciso unir e quando separar, quando ficar, quando partir, quando ceder, quando lutar. Neste sentido ela é não-dual, pois o que para uns se apresenta como um veneno, para outros pode ser um remédio.

Ela é não-dual também em uma outra perspectiva, no sentido em que ela se traduz pela consciência de uma ilusão de controle sobre a vida, e que da mesma forma que a vida nos é dada, ela pode nos ser tirada, a qualquer momento. Existe portando um limite de nosso conhecimento, uma “douta ignorância” que reconhece a profunda interdependência do ser humano com todos aqueles com que ele se relaciona, com a natureza, com o universo. É preciso aceitar essa ignorância fundadora para abrir-se a escutar. Os orientais falam até de “suprema escuta”. Escuta de si, dos outros, do mundo, para dar a si, aos outros, ao mundo, a cada dia, a cada hora, e por vezes até a cada segundo, a nossa melhor resposta.

Estas seis perfeições são definidas pelos orientais como aquelas que: “eliminam a pobreza, aliviam a dor, nos tornam capazes de suportar a adversidade, de exercitar nossos talentos mais altos e de compreender o sublime”.

Enfim queridos turismólogos, acredito que este caminho infinito de aperfeiçoamento que a humanidade vem trilhando, em suas relações pessoais e profissionais, consigo, com os outros e com a natureza, é uma viagem imperdível. Foi uma honra ter percorrido essa pequena e valiosa parte do caminho com vocês, mais uma vez agradeço a atenção de todos, que Deus os abençoe, os ilumine e os guarde.